



ENTREVISTA COM

AS MULHERES DE
CONSERVAS MASSO
HERMANOS



A Empresa de conservas Masso, ubicada em Cangas está como muitas outras do sector em crise desde há vários anos. Esta Empresa como a maioria da conserva tem a sua história desde a primeira chegada dos industriais pesqueiros cataláns há mais de cem anos, e que foram assentando pola beiramar galego distintas indústrias de derivados pesqueiros pondo as bases para o desenvolvimento do sector na Galiza.

Nas oficinas principais da Empresa em Vigo, falamos com Concha do Comité de Empresa pola CIG, durante o feche deste comité em Janeiro.

AREA.- Para situar-nos. Qual é a história das conservas Masso Hermanos?

CONCHA.- As fábricas de Masso que quedam som a de Avilés com umhas 10 pessoas e a de Cangas de Salgueirom com 400 pessoas. Antes havia em Bueu e Barbae, mas foram

fechando e as trabalhadoras e trabalhadores passaram à de Cangas ou marcharom com jubilaçons anticipadas e baixas incentivadas. Aqui na de Cangas Q também se perderom mais da metade dos postos de trabalho.

Nos 60 e antes, éramos uns 1000 trabalhadores em Cangas e 700 em Bueu. Tínhamos guarderia, comedor, economato, vivendas, e até havia um hotel para aquelas pessoas que nom eram da vila, e nel funcionava umha escola para nós.

A maiores da conserva, havia: varadeiro, carpintaria, estaleiro e fábrica de gelo.

De 20 anos para aqui foi-se perdendo parte disso, e na actualidade só temos a guarderia, o economato e as vivendas. Incluso o trabalho imos perder. Mira! O certo é que mentres haja esta Direcçom nom vai haver umha soluçom para a Fábrica e o nosso futuro está mui mal.

AREA.- Logo, essa é a razom que vós considerades como a

causa principal para que a Empresa nom vaia adiante?.
CONCHA.- Essa, e o que leva com ela. Os filhos do velho Masso nunca tivérom interesse pola fábrica e por isso nom figérom frente às necessidades. Nom se anovou maquinária, nom se mirou de produzir um "stock" suficiente para afrontar pedidos...

Logo, resulta que, quando empezam a chegar produtos como os nossos pero mais baratos polos acordos da CEE, e Marrocos e Portugal empezam a vender aqui, e nós estamos cheios de aranceis, nom podemos competir...

Inclusive se perdérom os mercados americano e europeu, aonde fám os produtos de maior qualidade e os que mais dinheiro deixavam.

Nós víamos como a Empresa se vinha abaixo, e tentamos falar com a Direcçom, pero a sua resposta sempre era que nom havia nengum problema, que tudo ia bem. Claro, bem para eles!

AREA.-Qual é a vossa situaçom actual?

CONCHA.- Por todo o anterior a Empresa quedou sem cartos. Nom há liquidez e pagamo-lo nós



que levamos quatro meses sem cobrar. Debem-nos ao redor de cem milhões de pesetas, e como isto siga sem solucionar-se perderemos o nosso posto de trabalho.

Por isso estamos fechadas, para exigir o pago do que nos devem. Que dimita esta Direcçom e que contratem outra que leve adiante o plano de viabilidade.

AREA.- Mas, os Bancos tenham cartos e a "Xunta de Galicia" teria também algo que dizer, nom?. Figestes algumas gestions?

CONCHA.- Aqui todos querem cobrar em mau. Nom se fiam dos Masso. E com razom! De todos jeitos o Conselheiro de Indústria, prometera com muito aquel que "baixo negum conceito deixariam que fechasse a Indústria". Palavras, sabes. Mais nada. Só lhes interessam os votos. Ninguém se preocupa de nós. Aqui o Alcalde de Cangas que debería mirar polos nossos problemas, porque foi elegido polo Povo, nom fai nada. Ou termamos nós da nossa vela ou nom no-la terma ninguém.

AREA.- E falando de vós. Qual é a composiçom do Comité? Que papel jogades as mulheres em ele e na fábrica?

CONCHA.- Para isto somos todos um, ainda que no Comité a maioria somos da CIG. Também há de "Comisiones" e UGT que é a que leva os encarregados e aos das oficinas. Na CIG somos mais as mulheres e nas outras som mais

os homes.

Na Empresa somos como um 85% de mulheres, quase todas em "enlatado". Outras estão nas oficinas.

No Comité somos maioria as mulheres, porque os homes da nossa fábrica som do "mais cagom" e nom dam um passo sem nós. As candidaturas enchem-se de mulheres e os homes só querem os últimos postos. À hora de um conflito somos nós quem damos a cara, e eles sempre aguardam ao que fagamos.

AREA.- Daquela, como se pode explicar que seja um home o portavoz do Comité?

CONCHA.- Nós, no que é defender o posto de trabalho somos os primeiras, as que mais nos movemos, pero a hora de participar política ou sindicalmente, participamos menos porque temos menos horas para dedicar-lhe, já que aparte do trabalho na fábrica, temos umha casa que atender: os filhos, a

comida, o home...

AREA.- E os postos de responsabilidade nas distintas secçons da fábrica, quem os leva?

CONCHA.- Os homes!. Há só umha mulher com categoria de encarregada. Levamos 20 anos -e mais-metendo peixe nas latas e a nossa categoria segue a ser de auxiliares, e por riba cobramos menos que eles tendo a mesma categoria!

AREA.- Tem a empresa diferenças de condiçons laborais, de trato, de actitudes... entre homes e mulheres?. Que tal com esses encarregados?

CONCHA.- Queimam-nos!. Aos homes permite-se-lhes fumar, ás mulheres... que nom te mirem fumar!. Os homes podem estar dando quarenta voltas e poderám dizer-lhes algo, mentres que a umha mulher comem-na. E claro,





à hora de contestar-lhes já vas com medo polas suas respostas. Estamos mais sujeitas ao posto de trabalho porque temos que dar uns topes de produtividade e procuras nom despistar-te muito, senom, nom cobras, mentres que os homes nom temem este tope e fagam o que fixer cobram porque o temem incluído en nómina por convénio.

Chegou-lhes a hora de sair a saudar as suas companheiras que chegavam de Cangas a expressar a sua solidariedade e confiança na luta.

Esta entrevista é umha de tantas testemunhas de tantas e tantas mulheres que sofrem

polo feito de sé-lo: discriminação salarial a respeito dos seus companheiros de trabalho, tratadas como "inferiores" às que se lhes proíbe comportar-se com os mesmos direitos, que suportam dupla jornada... mas, isto deve aumentar a nossa confiança en nós mesmas como mulheres, à hora de um conflito som as primeiras em pôr-se à frente, em levar o maior peso da luta para conseguir as suas reivindicações.

As mobilizações continuam: cortes de tráfico, marchas, um previsível paro geral na

zona... O sistema capitalista-patriarcal nom tem vontade de resolver nem a viabilidade da Empresa, nem a exploração das mulheres. Como Concha e as suas companheiras somos muitas, cada dia mais, as mulheres que nom estamos dispostas a nos deixar arrebatat o nosso direito inalienável a ter
UM TRABALHO DIGNO

**PARA SER
INDEPENDENTES.
CONFLITO MASSO
SOLUÇÃO!!!**

Já saiu a rua a nossa quarta agenda. Este ano dedicamo-la à história das mulheres na Galiza.

É a nossa pequena aportação para contestar umha pergunta fundamental: *Que fazíamos asmulheresmentres os homes desenhavam as páginas da história oficial?. Apartadas e silenciadas nom soubemos nunca da nossa importância.*

Nesta agenda, mês a mês, resgatamos em breves traços como foi a nossa participação em cada época, como tivemos avanços e retrocessos, como nos organizamos, e como é a situação actual.

O éxito obtido por esta agenda confirma-nos a necessidade de sabernos mais sobre a nossa própria história. Assim esperamos que outras mulheres retomem e ampliem este tema tam fundamental para nós.

Se ainda no téis a nossa agenda podes pedi-la nos seguintes endereços:

**Apartado 308.36080 Vigo.
Estrada de Castela nº 110. Ferrol.
Cruzeiro de Sam Pedro nº 5 Compostela.**

